

SESSÃO 22 – ARTIGOS

ESCOLAS: MÁQUINAS DE FABRICAR, MÁQUINAS DE CRIAR

Gicele Maria Cervi¹

Resumo: Escolas são máquinas de fabricar. Fabricar corpos dóceis politicamente, úteis economicamente e participativos. Máquinas que produzem homogeneização, transformam discursos em verdades, transformam singularidades em identidades que precisam ser identificadas, marcadas, estigmatizadas. Máquinas que produzem os homens que o Estado deseja de acordo com aquilo que se deseja a cada tempo. Máquinas que se atualizam, reformam e seguem os fluxos. Nelas há resistências passivas e ativas. Nas resistências passivas encontramos as críticas ao que está posto e a reforma. Nas resistências ativas, as linhas de fuga, o não lugar. Não há como localizá-las, catalogá-las, identificá-las. Trata-se do pensamento selvagem e nele as escolas também podem ser espaços de criar, são máquinas de guerra, instrumentos nômades de combate aos modelos, generalizações, homogeneizações, territorializações, coletivos. Coletivos que fazem conexões e devires.

Palavras-chave: Escola; discursos; desterritorialização.

Escola e o discurso pedagógico: máquina de fabricar, máquinas de criar

O espaço cercado, vigiado e controlado permitiu e permite a produção de saberes sobre: a criança, o aluno, o professor, o diretor, o currículo, a avaliação, a escola; saberes que constituem o discurso ou o campo pedagógico. Um saber sempre vinculado a um ideal de homem e a um projeto de sociedade universalizadora. Para Foucault, a Pedagogia, “se formou a partir das próprias adaptações da criança às tarefas escolares, adaptações observadas e extraídas do seu comportamento para tornarem-se, em seguida, leis de funcionamento das instituições e forma de poder exercido sobre as crianças” (1996a, p. 122). Adaptações que se aperfeiçoam, pois não se trata apenas de vigiar e punir, mas de incluir, monitorar e controlar.

A pedagogia, longe de ser uma prática neutra, um mero espaço de possibilidades para o desenvolvimento ou melhoria, é espaço de produção de formas de experiência de si, nas quais os indivíduos se tornam sujeitos de modo particular. As práticas pedagógicas aparecem em espaços institucionalizados, onde a pessoa pode desenvolver-se, recuperar-se e reeducar-se: “o dispositivo pedagógico produz e regula, ao mesmo tempo, os textos de identidade e a identidade de seus autores” (LARROSA, 1995, p. 46-47).

Aos dispositivos pedagógicos, interessa a identidade, produzir identidades para os alunos, para as escolas, para os sistemas. Contudo, identidades são discursos, construções, são uma criação do Estado. A construção da identidade é incessantemente solicitada nas práticas escolares. Aprendendo a ter e construir uma identidade, estamos prontos para nos enquadrarmos, para dizer quem somos, o que somos, o que fazemos, pensamos e porque agimos dessa ou daquela forma. Somos identificados em tais e tais grupos.

As narrativas pedagógicas buscam introduzir modulações de currículo, professor, aluno e escola, os quais, compartilhados nos processos de formação, funcionam como mecanismos para aperfeiçoamentos constantes. Modulações que se modificam, inovam, aparecem,

¹ Doutora em Ciências Sociais. Professora do departamento de Educação e do Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Líder do grupo de pesquisa Políticas de Educação na Contemporaneidade da Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: gicele.cervi@gmail.com.

desaparecem e tornam a reaparecer com muita velocidade. Nelas há uma intenção: a busca por aperfeiçoar o instituído, conservando o estabelecido.

A modernidade em educação se abre com a obra de Comenius (2002), *Didática Magna*, uma obra totalizadora, completa e universalizante: a promessa da pedagogia moderna. Um regime paradigmático de saber acerca da educação da infância e da juventude através de uma nova tecnologia social: a escola. Os discursos pedagógicos continuam buscando, em Comenius, essa pretensão moderna, universalista e democratizante de *ensinar tudo a todos*, ideal que permite uma educabilidade infinita. Máquinas de fabricar.

Criaram e se criam novas regras, novos espaços, novos instrumentos e novas tecnologias com o objetivo de ensinar e aprender melhor, de maneira mais rápida, com mais eficiência, as competências do homem utilizável a cada momento. Não por acaso, cria-se continuamente o novo em educação e os discursos pedagógicos estão sempre demandando infinitas reformas. Contudo, a despeito das mutações e novidades nas narrativas pedagógicas oficiais, desde a criação da instituição escolar, muitos de seus dispositivos originários foram mantidos: a escola continua a disciplinar e a pedagogia permanece prescritiva por excelência. Essa prescrição da pedagogia é visível nos eventos na área da educação. Nos cursos de formação, sempre há uma teoria melhor, uma saída, um método melhor, uma estratégia mais elaborada, uma metodologia mais adequada: sempre é possível fazer melhor, sempre é possível resolver.

As escolas criam mais e mais explicações com a intenção de conter as resistências ativas e conservar.

Na tentativa de conter as resistências nas escolas, busca-se ocupar todo o tempo, avaliar, classificar, selecionar, formar, conformar, normalizar, monitorar e medicalizar. Por quê? Talvez porque, lembrando Deleuze, em conversa com Foucault,

se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino. Na verdade, esse sistema em que vivemos *nada pode suportar*: Daí sua fragilidade radical em cada ponto, ao mesmo tempo sua força global de repressão (In: FOUCAULT, 1995, p. 72).

Daí a necessidade de construir artefatos para ocupar todo o tempo e desenvolver estratégias e dispositivos para governar cada vez mais e melhor. Para Corrêa (2006), as tarefas, os afazeres das escolas, fazem parte de uma arte de governar. Os regimes disciplinares privilegiam e acionam a fixidez da norma, esquadrinham os espaços, os tempos e os indivíduos de acordo com normal/anormal, disciplinado/indisciplinado, alfabetizado/analfabeto.

Uma forma de definir a pedagogia, os pedagogos e a narrativa pedagógica que produzem é esse desejo de intervir na subjetividade. Uma forma de fabricação de modos de subjetivação. Como sujeitos de direito, os indivíduos obrigam-se a participar, preparam-se para controlar e ser controlados, governar e ser governados. E os direitos segundo Deleuze “são os direitos do homem que exercem a função de valores eternos. É o estado de direito e outras noções, que, todos sabem, são muito abstratas. E é em nome disso que se breca todo pensamento, que todas as análises em termos de movimento são bloqueadas” (2006, p. 152).

Ao problematizar a escola, uma instituição que desde a sua criação é ampliada, aperfeiçoada e reformada continuamente, a intenção foi a de mostrar que ela funciona como uma maquinaria produzindo. Modulações da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, da maquinaria para o grande negócio. Modulações preparando cada um para negociações em que interessam a inteligência, a permanência nos fluxos, a flexibilidade, a participação responsável, a ocupação.

O que se encontra produzido sobre escola é a busca por abranger a vida. Subjetivar, formar a conduta e governar minuciosamente, monitorar, controlar e dirigir, com o

consentimento e a participação ativa e responsável de cada um. Práticas discursivas constituíram-se lugares de visibilidades que permitiram pensar nas condições de possibilidades de produzir os escolares. Modulações que produzem em cada um a conduta de polícia, participando, sendo responsável, avaliando, monitorando, controlando a si e aos outros. Estratégias de subjetivação que preparam para denunciar, delatar, vigiar, monitorar, punir e controlar a si e aos outros, ser responsável por si e por todos. As práticas discursivas afinadas com a sociedade de controle se multiplicam, buscam conformismo moderado e acomodação através da busca pelo consenso, convocando à participação e responsabilizando cada um por si, pelo outro, pelo planeta. As práticas discursivas apresentam-se de forma prescritiva e pacificadora, na ampliação dos controles. Envoltos na busca de tornar a escola um lugar para todos e na possibilidade de que quase todos estejam na escola e respondam às exigências do momento, fica-se ocupado e ocupa-se o outro. Ser governado, governar e sentir-se governado todo o tempo. Não mais o vigia na torre, mas em cada um, um vigia.

A escola funciona como uma maquinaria e torna-se a cada dia um grande negócio, um negócio que não para de crescer, ampliar-se, reformar-se, porque mudam as exigências que determinam a sua existência/utilidade, porque as políticas apontam para cada época o homem utilizável de cada tempo.

Os fluxos da sociedade de controle são compostos de diversas camadas, numerosos protocolos, infinitos programas, inúmeras negociações. Não há descrição que esgote seus múltiplos governos e suas variadas potências. Em suma, tratava-se de ver, na sociedade de controle, como um dispositivo opera de tal maneira, que os indivíduos sejam levados a se reconhecerem.

Problematizar a escola como dispositivo torna possível perceber um *como*, perceber o funcionamento dessa maquinaria, o que pode apontar para processos outros, levar a pensar em possibilidades infinitas de heterotopias, o que para Foucault (2001a), são espaços reais, que se realizam no agora, contrapositionamentos que se efetivam à margem do conjunto de posicionamentos, uma vez que uma vida não pode ser apreendida por um dispositivo.

Então há saída? Não sei. Mas, há perguntas: como nos liberarmos? Como criar? Não há a resposta, o modelo, a reforma, a forma, ou a qualificação, o que há é a manutenção no fluxo, e, nele, há saídas. Saídas para quem procurar. Saídas que remetem a estar atento para aquilo através do que querem nos atualizar, estar atento para as maneiras como as possíveis invenções de liberdade podem ser capturadas pela escola.

A saída é a vida, estar vivo, permanecer vivo, lutar pela vida. A saída é a potência de vida. E a vida está onde há resistências, invenções, experimentações, a vida está no próprio indivíduo. A saída é o indivíduo, nele as possibilidades de inventar, de arruinar, de criar espaços coletivos, para além dos protocolos e das cumplicidades, a busca de pares, a possibilidade de construir coletivos, a busca de sociabilidades. Segundo Deleuze “afirmar não é carregar, atrelar-se, assumir o que é, mas, ao contrário, desatrelar, livrar, descarregar o que vive. Não carregar a vida com o peso dos valores superiores, mesmo heroicos, porém criar valores novos que façam a vida leve ou afirmativa” (2006, p. 115). Abrir possibilidades de existências singulares, de mais e sempre mais vida e, vida leve.

Então, há saída e ela está no próprio indivíduo e nas suas relações, nos espaços que cria, nos que desmorona, naqueles que quebra para poder passar, na possibilidade de arruinar as comunicações e as convocações constantes. Possibilidades de desmontar as relações hierárquicas e de subordinação, desmontar a autoridade central. Possibilidades de viver sem pensar em agradar, em buscar consenso.

Escrevem Deleuze e Guattari “Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também há linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (1995, p. 11). Nas escolas também, estão possibilidades de direções outras que máquinas de fabricar, contrária a produção de corpos dóceis, mentes vazias

e corações frios, máquinas de guerra, espaços de criar. Os fluxos seguem... as afirmações também. Escolas máquinas de fabricar, máquinas de criar seguem também.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. *Diálogos com educadores – o cotidiano escolar interrogado*. São Paulo: Moderna, 2002.

AQUINO, Julio Groppa; RIBEIRO, Cintya Regina. Processos de Governamentalização e a Atualidade Educacional: a liberdade como eixo problematizador. *Educação e Realidade*, UFRGS, Porto Alegre, n. 32, v. 2, p. 57-71, maio/ago. 2009. Disponível em <http://www.ufrgs.br/edu_realidade/>. Acessado em: nov. de 2009.

BELTRÃO, Ierecê Rego. *Corpos Dóceis, mentes vazias, corações frios*. Didática: o discurso científico do disciplinamento. São Paulo: Imaginário, 2000.

CERVI, Gicele Maria. *Política de Gestão Escolar na Sociedade de Controle*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.

CORRÊA, Guilherme Carlos. *Educação Comunicação Anarquia – Procedências da Sociedade de Controle no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. 1. reimp. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. *Conservações*. 5. reimp. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. reimp. Organização, Introdução e Revisão Técnica: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

_____. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996a.

_____. *A ordem do discurso*. 2. ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996b.

_____. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.

_____. *Estratégia, Poder-Saber*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

_____. *Nascimento da Biopolítica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da Educação*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 35-86.

PASSETTI, Edson. *Anarquismos e Sociedade de Controle*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Poder e Anarquia. Apontamentos libertários sobre o atual conservadorismo moderado. *Revista Verve*, São Paulo: Nu-sol, v. 12, p. 11-43, 2007a.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e Diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

STIRNER, Max. *O Falso Princípio da Nossa Educação*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. *Arqueología de la Escuela*. Madri: La Piqueta, 1991.